



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XIII  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**BRUNA DOS SANTOS CANDIDO DE OLIVEIRA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO, VIOLÊNCIA: UM ESTUDO A PARTIR DA  
SOCIOLOGIA HISTÓRICA (ITABERABA-BA, 2020-2023).**

**ITABERABA- BAHIA 2024.**

**ITABERABA- BAHIA  
2024.**

**BRUNA DOS SANTOS CANDIDO DE OLIVEIRA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO, VIOLÊNCIA: UM ESTUDO A PARTIR DA  
SOCIOLOGIA HISTÓRICA (ITABERABA-BA, 2020-2023).**

Atividade solicitada como requisito obrigatório de avaliação no curso de licenciatura em história do Departamento de Educação Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia, e construído com Orientação do Professor Josivaldo Pires Oliveira.

**ITABERABA- BAHIA 2024.**

## **AGRADECIMENTOS**

Essa tão esperada etapa é uma conquista muito grande não só para mim, mas para todos envolvidos até então. São muitos os que merecem estar nesse agradecimento, mas não poderia começá-lo sem agradecer a quem esteve comigo em todas as horas, ao meu DEUS, que me sustentou até aqui.

À minha irmã, Luana, que nunca soltou a minha mão e que sempre me fez acreditar que sou capaz, mesmo quando eu não acreditava nisso, essa conquista é tão sua quanto minha. Obrigada por não desistir de mim. Aos meus pais, Ieda e Claudenor, por me ensinarem a persistir nos meus sonhos e me cobrarem sempre a ser melhor que ontem, essa conquista é para vocês. Ao meu irmão Johnatan, familiares e amigos, por me apoiarem sempre e contribuírem direta ou indiretamente nesse processo.

Sem dúvidas, a UNEB me trouxe pessoas muito especiais que levarei para toda a vida, mas, em especial, não poderia deixar de agradecer à minha parceira Keyla Viviane, que tornou esses anos mais leves e que faz parte dessa conquista do início ao fim. Obrigada por não soltar a minha mão.

E por fim, agradecer ao professor Josivaldo Pires, que não foi só um orientador, mas trouxe aos nossos encontros suas experiências, contribuindo com riqueza não somente para esse trabalho como também para a vida.

# **RELAÇÕES DE GÊNERO, VIOLÊNCIA: UM ESTUDO A PARTIR DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA (ITABERABA-BA, 2020-2023).**

## **RESUMO:**

A partir desse trabalho apresentamos aspectos das vivências sofrida por uma mulher na cidade de Itaberaba, no interior da Bahia, no período de 2020 a 2023, abrangendo um período de pandemia do COVID-19 e de pós pandemia, assim, períodos que várias mulheres sofreram violências domésticas com mais frequências em Itaberaba-BA e em outros lugares do Brasil. Ao relatar sobre violência no período da pandemia, houve casos históricos de mulheres sendo agredidas por parceiros, assim podendo refletir em dados de outrora e haver uma comparação dos relatos, tendo como base instituições de acompanhamento. Nota-se que a disputa patriarcal abrange muitas estruturas de violências, podendo ser explicado por uma série de fatores prejudiciais, como o aumento do estresse, lesões psicológicas, físicas, incertezas econômicas, a falta de privacidade e o aumento de convivência conjugal fora dos respeitos entre um casal. É importante destacar, que violência contra mulher não é um problema causado exclusivamente pela pandemia, vai muito além, sendo um problema sistemático que é abordado e precisa ser resolvido com urgência.

**PALAVRA - CHAVE:** Mulher, narrativa, pandemia, violência.

## **SUMMARY:**

Based on this work, we present aspects of the experiences suffered by a woman in the city of Itaberaba, in the interior of Bahia, from 2020 to 2023, covering a period of the COVID-19 pandemic and post-pandemic, thus, periods in which several women suffered domestic violence more frequently in Itaberaba-BA and elsewhere in Brazil. When reporting on violence during the pandemic period, there were historical cases of women being attacked by partners, thus being able to reflect on data from the past and make a comparison of reports, based on monitoring institutions. It is noted that the patriarchal dispute encompasses many structures of violence, and can be explained by a series of harmful factors, such as increased stress, psychological and physical injuries, economic uncertainties, lack of privacy and increased marital coexistence outside of respect. between a couple. It is important to highlight that violence against women is not a problem caused exclusively by the pandemic, it goes much further, being a systematic problem that is addressed and needs to be resolved urgently.

**KEYWORD:** Woman, narrative, pandemic, violence.

## **1.Introdução**

Ao relatar a histórias da violência entre gêneros, abrange muitos aspectos que vão além da relação de homem e mulher, transparecendo o convívio social da localidade, mostrando a micro história de cidadãos que lutam diariamente por uma vida digna e respeitosa, assim ao longo desse artigo terá relatos de pessoas que buscam justiça, liberdade, dialogando com dados já existentes de violência, antes da pandemia do COVID 19.

Aprofundaremos sobre uma mulher na cidade de <sup>1</sup>Itaberaba-BA na perspectiva da violência contra a mulher, contextualizando em meio a um período conturbado no aspecto mundial, que gerou diversas agressões as mulheres de Itaberaba. A partir dessa perspectiva, trabalhando com entrevistas oral de mulheres que vivenciaram violências e presenciaram

---

<sup>1</sup> Este trabalho trata de abordar a cidade de Itaberaba, está localizada no interior da Bahia, com índice populacional de 64.795 pessoas, tendo uma área territorial de 2.386.390 km<sup>2</sup>, segundo o (IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021.)

relatos de outras mulheres, assim dando voz a pessoas que tem ensinamentos e superação de quanto é importante dialogar, denunciar e procurar melhorar a partir de todas as vivências de opressão, vivida.

O estudo de caso, tendo como início à oralidade busca transparecer em meio aos relatos do depoente pontos a serem problematizados e discutidos na busca por melhorias, assim entrevistando e transcrevendo momentos de muitas emoções ao longo da vida. Um dos maiores desafios, foi escutar momentos tristes e desesperadores dos relatos da depoente e manter-se neutro, perante a narrativa, que se perpetuou durante horas de superação e luta.

Foi transcrito o discurso oral da depoente, argumentando momentos da vida dela, com escritores que destacam ideias sobre gênero, e conceitos a favor da liberdade de expressão e contra qualquer tipo de violência, assim ao decorrer de denúncias, em meio ao pranto de mulheres batalhadoras, amorosas e guerreiras, descritas com narrativas que podemos classifica-las como motivação à outras mulheres, que vivem sob opressão, assim representando cada brasileira (o) que não quer ou pode mostrar sua face, perante a mídia sociedade com medo de represálias.

Esses relatos transparecem o dia a dia de várias mulheres, negras, brancas, de classes sociais baixa, média ou alta, entre outros, que durante anos, lutam diariamente pela liberdade de viver sem marcas de agressões dos companheiros, e sem os olhares de julgamento da sociedade, que “ajuda e julga” de diversas formas, assim, transparecendo as ramificações entre as relações da história, narrativa e memória. De acordo com LINS (1998, p. 16):

“A violência, simbólica ou real, reina na família de maneira mais forte e mais autorizada do que em qualquer outro lugar ou campos sociais. Entretanto a violência entre os membros de uma mesma família é algo pouco falada; a maioria silencia, pois, a violência no interior da casa é secreta e vergonhosa. A violência doméstica escapa do conhecimento público: as únicas testemunhas são os membros da família ou empregados, dependendo da classe social.”

Para desenvolver esse trabalho utilizei alguns tipos de fontes bibliográfica, esse tipo de estudo é considerado uma estratégia necessária para a realização de qualquer pesquisa científica. Nesse contexto, Fachin (2001, p. 125) ressalta a importância da pesquisa bibliográfica afirmando que “[...] é a base para as demais pesquisas e pode-se dizer que é uma constante na vida de quem se propõe a estudar”.

A pesquisa bibliográfica, portanto, é indispensável para contribuir e enriquecer os conhecimentos. Nesse trabalho serão utilizados artigos e o livro que discutem sobre a relação de gênero sobre a perspectiva da violência doméstica.

Em uma pesquisa é indispensável definir o público que se quer pesquisar, de acordo com a natureza e os objetivos da pesquisa, que é chamado de população ou universo. Nessa perspectiva, o público alvo são as mulheres violentadas de Itaberaba, sobre o depoimento de uma mulher.

Na literatura sobre o assunto, apresentam-se várias modalidades acerca das técnicas existentes. Botelho (2006, p. 72) nos diz que “coleta de dados é a busca, junto aos sujeitos da pesquisa, das informações necessárias para proceder à análise dos dados, obtendo assim, os resultados da pesquisa”.

As fontes orais por meios de entrevistas, depoimentos, são recursos valiosos para qualquer trabalho, oferecem perspectiva únicas e pessoais como a entrevista da depoente 3, que muitas vezes não são encontradas em documentos escritos. Nessa perspectiva é essencial, entretanto, que essas fontes sejam tratadas com rigor metodológico, garantindo a veracidade e a representatividade dos testemunhos coletados.

## **2.História, sociologia e o tempo presente**

A história, sociologia e o tempo presente estão sempre dialogando com teóricos que geram reflexões sobre as ações da sociedade e o individual, na construção de uma sociedade democrática e diretoria. “Isso necessariamente remete ao enraizamento sociocultural do pesquisador e ao diálogo interdisciplinar, já presente nas abordagens de Marx e Weber ao proporem explicações sobre o capitalismo, a formação das classes e as formas de dominação, Durkheim ao estudar a divisão social do trabalho e as formas de solidariedade, Tocqueville ao estudar a revolução francesa e os mecanismos democráticos. (VALLE, pág. 53, 2018)”<sup>2</sup>

Ao trabalhar e conviver com a violência seja qual for o gênero, é perceptível dentro de uma comunidade, pois é apresado conceitos padronizados de vivências em harmonia, podendo destacar a depoente e o setor que a ajudou nesse processo de reabilitação e proteção social.

Percebe-se que a sociologia e a história, estão interligadas, a partir do avanço e melhorias em setores, comunidades e cidades, eliminando o que é ruim ou menos aceito pela população, assim a violência de gênero ou qualquer outro tipo, se destaca na sociedade de Itaberaba, como está sendo apresentado nesse artigo, pois ações e medidas foram aplicadas não só com essa protagonista, mas com muitas outras presentes na sociedade brasileira.

---

<sup>2</sup> A coluna A Voz do Autor traz dessa vez uma conversa sobre Sociologia com Ione Ribeiro Valle. Com doutorado pela Université de Paris V – Sorbonne, pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Ione é professora do Centro de Ciências da Educação da UFSC e coordenadora do Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu.

Estes pensadores são recorrentemente identificados com a produção de uma sociologia comparativa ou, mais propriamente, de uma sociologia histórica, que reflete em ações como a dos depoentes, que sofreu em sua convivência particular e necessita de ajuda e acolhimento de outras pessoas e órgãos sociais.

A mulher sofre com a intensidade distinta da violência por conta da cor, classe social, assim transparecendo a violência simbólica, pois se “constitui em um vínculo de subjugação e submissão, que resulta de uma dominação, da qual o dominado é cúmplice, a partir do estado natural em que a realidade se apresenta.

A partir dessa quantidade de fatores apresentado acima, principalmente a exposição ao público, foi omitido os protagonistas das entrevistas, assim o leitor dessa obra pode viajar entre as descrições faladas, vividas, imaginando como um vivente da sociedade do século XXI, ainda persiste em meio a opressão de violência, em meio a tantos ensinamentos. Segundo a depoente 1, (2023):

“ A alta fica camuflada, e o que chega aqui para a gente, é classe média baixa, mas a gente tem casos da alta, o que acontece, a alta fica camuflada, por que as pessoas não vêm, por vergonha, por ser da alta sociedade, a questão da aparência, a questão de como vai rotular isso na cidade, já a média e baixa, não se importam muito com essas questões sociais, querem mesmo é sair desse ciclo de violência, dessa vivencia mesmo, com o agressor. Por isso que hoje a gente vê mais a média e a baixa, não que na alta, não tenha. Que tem muita! E no nosso município acompanhamos alguns casos, e outros por fora que a gente sabe e não chega para a gente aqui. ”

Ao ler falas do depoente, buscamos entender como a violência doméstica, inclui abuso físico, sexual, psicológico, econômico, entre outras formas, onde na maioria das vezes, as vítimas são impedidas de buscar ajuda ou de fugir da situação, pois tem medo das consequências, falta recursos financeiros e falta de apoio para tal ação.

Ao refletirmos em momentos da vida da entrevistada, percebe-se que ela conhece outras que vive a mesma situação de agressão, assim a depoente e outras mulheres são testemunhas da própria cidade em um fluxo de vivencias com agressões ao longo dos anos.

A violência, vem desde do período da escravatura, perpetuando em muitos países da América Latina, assim a História do Tempo Presente teve na sequência desenvolvimentos importantes em outros países, como na Espanha a partir dos anos 1990 ou na América Latina mais ou menos, no mesmo período, com designações diversas: história do tempo presente aqui no Brasil, história do passado recente, história atual, história viva, história do passado vivo, história do presente, em outros países, mostrando a necessidade de ajudar e relatar tantas narrativas de outrora, assim destacando-se, “Henry Rousso, que diagnosticou como uma

“mundialização da memória” e à multiplicação das demandas memoriais e sociais de reconhecimento e de verdade sobre os “passados que não querem passar,” se repetindo com diferentes pessoas ao longo das décadas (DELACROLX, 2018, pág. 44).

Existe diversas formas de conscientização, denúncias e parcerias para garantir que essas mulheres estejam seguras e tenham o suporte que precisam, como abrigos, educação sobre violência doméstica, assim, ajudando outras mulheres. A partir da Psicóloga, (Depoente 2, 2023).

“A violência surge daí, quando você é muito dependente emocionalmente, você não enxerga a onde você está, no ciclo que você está, você passa por um ciclo de violência, física, psicológica, violência patrimonial, isso é referente a uma dependência emocional, normalmente essas mulheres que demonstram muita essa dependência emocional, vem de algumas faltas e aí, você precisa analisar todo um contexto de vida, dessa pessoa, como foi na infância, adolescência, algumas tem um déficit, de afeto, uma carência de afeto muito grande, e aí como, a maioria dos abusadores, eles demonstram muito afeto e muito amor, no início do relacionamento e isso, elas enxergam neles aquilo que falta.”

No entanto, onde se julga ser o lugar mais seguro para a mulher na maioria das vezes, se torna o seu maior tormento e trauma, <sup>3</sup>Da Mata, discute a dicotomia entre a vida privada e a vida pública, destaca as relações das pessoas dentro desses espaços. A violência doméstica, no entanto, ocorre no âmbito privado dentro das casas, mas essa violência se manifesta de maneira que tem impacto na esfera pública. A partir de LINS (1998, p. 16):

“De fato, a moral da casa, segundo o imaginário social, é sempre vista como produtora do “bem” e/ou da “boa” razão. Ora, um estudo aprofundado da questão demonstra não só como a moral, nesse contexto, não significa apenas o “positivo,” o “bem” ou o “bom” esperado, almejado por todos, mas mostra também como do imaginário da “boa moral” emergem formas ou práticas autoritárias que vão dar à moral idealizada um respaldo beirando o despotismo esclarecido, álibi conjurando os efeitos da “má consciência.”

A violência doméstica pode transcender os limites da casa e afetar a vida das pessoas fora dela. Por exemplo, agressões físicas e verbais podem deixar marcas visíveis nas vítimas, o que pode ser notado por vizinhos, amigos ou colegas de trabalho. Além disso, a violência

---

<sup>3</sup> Roberto Augusto Da Mata graduação e Licenciatura em História pela Universidade Federal Fluminense (1959 e 1962). Curso de Especialização em Antropologia Social do Museu Nacional (1960); Atualmente é Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Realizou pesquisas Etnológicas entre os índios Gaviões e Apinayé. Foi pioneiro nos estudos de rituais e festivais em sociedades industriais, tendo investigado o Brasil como sociedade e sistema cultural por meio do carnaval, do futebol, da música, da comida, da cidadania, da mulher, da morte, do jogo do bicho e das categorias de tempo e espaço.

doméstica pode ter consequências psicológicas e emocionais graves nas vítimas, o que pode afetar seu desempenho em diferentes aspectos da vida, inclusive no ambiente público.

É apresentado de acordo com Censo Demográfico 2010, que em Itaberaba possuía 61.631 habitantes, assim em situação domiciliar, 48.485 habitantes residiam em áreas urbanas e 13.146 habitantes residiam em domicílios rurais, perfazendo um grau de urbanização de 78,7%. A partir desses dados, citados acima, na decomposição por gênero, a população era majoritariamente do sexo feminino, ou seja, em números absolutos eram 31.696 habitantes do gênero feminino e 29.935 do sexo masculino.

A mesma chegou a 65.073 pessoas no Censo de 2022, o que representa um aumento de 5,5% em comparação com o Censo de 2010. Os resultados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Percebe-se como a educação e comunicação, seja social ou privada, nos ajuda a estruturar o convívio com o próximo, buscando manter relações duradouras, e evitar conflitos “extremos” para ambos os lados. A forte ligação apresentada em diversos textos ao longo do trabalho, se entrelaça com a temática e grupos sociais, que enfatizam a estrutura da relação, e seus elementos conjugais, não sendo apenas o espaço físico, mas a vivência diária e comunicação, assim, evitando transtornos abusivos.

Pode-se destacar no âmbito social, os códigos de valores e suas classificações, transparecendo opiniões de uma sociedade, sobre a mulher e as ações que a mesma toma, a partir de suas vivências e conflitos, assim, mostrando ações da sociedade sobre suas atitudes. De acordo com SAFFIOTI (1987):

“Presume-se que, originariamente, o homem tenha dominado a mulher pela força física. Via de regra, esta é maior nos elementos masculinos do que nos femininos. Mas, como se sabe, há exceções a esta regra. Variando a força em função da altura, do peso, da estrutura óssea da pessoa, há mulheres detentoras de maior força física que certos homens. ”

A utilização da força de um homem e sua estrutura corporal é um fator presente em muitas agressões físicas que mulheres sofrem, assim algumas mulheres vivem com esse fardo durante anos, até conseguirem se libertar da opressão vivida.

### 3. Violência e relações de gênero

A violência nas relações do homem e mulher mostra o poder de submissão, através da força bruta, psicológica existente em diversos casos na cidade de Itaberaba, principalmente em um período de pandemia, que o convívio é maior.

Em Itaberaba, existem organizações, grupos e pessoas que ajudam e lutam a favor da “mulher” e contra os vários tipos de agressões existentes, como exemplo o <sup>4</sup>CRAM Centro de Referência de Atendimento à Mulher, ISABEL RAMOS MIRANDA, o CRAS – Centro de Referência de Assistência Social entre outros grupos Universitários, que apoiam e vem dando apoio psicológico e acompanhando as pessoas afetadas diretamente ou indiretamente, assim, informando com palestras nas escolas, comunidades, em prol da diminuição das agressões e denúncias que ainda exista.

Já a Delegacias da Polícia, entre outras, dá o apoio de acordo sua jurisdição, incentivando a denunciar as agressões, através de sites, entre outros órgãos beneficentes a causa.

Em meio a vários casos de agressões, e permanência dessas agressões, pode-se destacar a dependência emocional ao parceiro, pois se inicia com violências psicológicas, e vai aumentando gradativamente para física até patrimonial.

A partir desta dependência citada acima, é necessário analisar contexto familiar do casal, sua infância e aspectos que contribua para atual contexto vivenciado. Nota-se como a ligação ao parceiro é tão extrema, que em casos de agressões onde já foi realizado o Boletim de ocorrência B.O., muitas vezes a parceira quer voltar atrás com a queixa, sendo a dependência emocional. De acordo as informações de LINS (1998, p. 16):

“No começo é a violência. Marcas, cicatrizes morais e físicas. Trauma provocado pelo estupro, seios queimados pelo fogo ardente da ponta do cigarro, ânus ensanguentados, rosto rasgado pela navalha, auto estima em baixa, corpo torturado pela força do mutismo, pelo contrato invisível assinado com o carrasco nas caladas da noite, num segundo de prazer roubado. Segredo privado, por excelência, a vítima estuprada pelo irmão, pelo tio, pelo padrasto ou pelo pai, em síntese, por um membro da família, oscila entre três movimentos, procurando no caos uma ordem possível. No primeiro momento, ela se cala. A seguir “esquece” o passado. No terceiro momento, ela transforma o esquecimento em amnésia salvando, assim, a mitologia privada da família. Quanto mais o segredo é da ordem do privado, mais

---

<sup>4</sup> CRAM Centro de Referência de Atendimento à Mulher, ISABEL RAMOS MIRANDA e o CRAS – Centro de Referência de Assistência Social sendo um dos pontos de referência a mulheres na cidade de Itaberaba, buscando ajudar e reabilitar a convivência das mulheres na sociedade e consigo mesma, assim sendo um dos pontos de fonte de pesquisa.

torna-se distante a probabilidade para a criança ou para a mulher de comunicar com alguém fora do ciclo familiar.”

Percebe-se que a psicoterapia, presente nos grupos, como CRAM e CRAS é essencial para a mulher abusada, buscando a origem dos seus conflitos e uma solução dos mesmos. Na cidade de Itaberaba – BA, temos parceiras nessa luta, depoente 1 que é Assistente Social e depoente 2 que é Psicóloga, mostrando aspectos onde a sociedade necessita buscar conhecimentos e pode ajudar outras pessoas. A partir de DELACROLX, 2018, pág. 45):

De todo modo, durante os anos 1945-1970, a suspeita em relação à história do passado recente é evidente em numerosos historiadores europeus apesar da vontade expressa desde os anos 1930 pelos fundadores dos Annales, Marc Bloch e Lucien Febvre, de fazer os historiadores trabalharem com os “pesquisadores preocupados com o presente” – sendo que eles pensam nesse momento em particular nos economistas e nos sociólogos.

#### **4. Violência nas relações de gênero: o caso de Itaberaba**

Nota-se como escritas de Historiadores, Antropólogos, Sociólogos, Psicólogos etc. mostram relatos de um passado não tão distante, pois no século XXI na cidade de Itaberaba e outras cidades, ainda são presente, mostrando como mulheres sofrem abusos e a luta por estes crimes vem desde o período da escravidão e pós escravidão.

Ao refletirmos sobre esses questionamentos, associamos diversos elementos com o patriarcalismo, que é uma forma de alienação por domínio social, tendo em foco a figura masculina, e transparece ao longo da narrativa a clareza dos detalhes entre o funcionamento do público e privado, referente ao poder da mulher e funcionamento do familiar e social.

O poder relacionado ao homem é sempre presente, pois os laços conjugais e familiares, mostram os direitos das futuras gerações que luta constantemente e vivem a desigualdade, buscando melhorias dos códigos étnicos, morais para uma melhor sociedade, que são discutidas entre outros autores, buscando mostrar as ações do contemporâneo em meio as relações de poder da mulher, e no espaço conjugal.

Podemos entender, um pouco do que foi relatado acima, a partir das vivências da depoente 3, mulher preta de classe baixa aos 32 anos, que viveu violência psicológica e física, na cidade de Itaberaba – BA. Segundo o depoente 3 (2023):

Ao viver essas violências, dentro de casa, foi muito difícil, ainda mais com filho pequeno, onde ele afastou da minha família, afastou de muita gente, meus colegas. Se caso eu fosse convidada para algum lugar, tinha que levar ele, se não, não ia. Se fosse uma coisa importante, não podia ir.

Nota-se como a violência, bem como da naturalização deste status estava se tornando normal para a depoente, a falta de convívio entre as pessoas e familiares que estava ao seu redor. De acordo com (RODRIGUES, 2018):

As famílias eram compostas por seu núcleo base (pai, mãe e filhos) e por agregados, empregados, concubinas, filhos ilegítimos e escravos, sendo todos esses sujeitos subordinados ao poder e autoridade do patriarca. A centralidade familiar fazia-se presente na figura masculina, restando à mulher o papel de genitora, mãe e esposa. A autoridade patriarcal extrapolava o espaço privado, normalmente essas figuras autoritárias emanavam poder, influência política e econômica também no espaço público. Algumas leituras históricas afirmam que o poder do homem estava associado à figurada da mulher/mãe, pois, a constituição familiar socialmente valorizada dependia de ambos para conformar-se.

A ideia que os princípios, valores moralmente existentes aceitos pela população de outrora e comunidade retardava uma atitude da depoente de denúncias e mudanças de vida, assim com o passar do tempo, houve mudanças no aspecto e ideias familiares, sociais quebrando paradigmas e parâmetros apresentados pela sociedade arcaica, funcionava como uma forma subjetiva de dominação, por meio do poder ideológico.

A prática ofensiva de impor a força bruta era frequente, gerando a destruição e revoltas futuras do seu progenitor ao vivenciar tamanha agressão em público. A partir do DEPOENTE 3 (2023)

Já mim bateu, várias vezes no meio da rua, teve uma vez, que mim bateu, e eu desmaiei, foi em uma festa, ele só parou de mim bater, depois que desmaiei. Fui para casa, e ele, colocou a culpa na bebida, eu perdoei e começava a psicológica, dizendo que não ia fazer mais. Tentava sair, pedia ajuda as minhas irmãs, tentava me ajudar, ia e fazia de tudo para acontecer uma briga, entre eu e minhas irmãs, colocava uma contra a outra, fazia fofoca, isso durou um ano e pouco.”

A presença do álcool, para ações fértil a execução de práticas violentas, tais como a materialização da violência física, psicológica e sexual contra as mulheres em meio à sociedade patriarcal gerou dúvidas ao pedir ajuda de familiares, pois no que se refere à violência perpetuada contra a mulher, destacamos a alta incidência da violência sexual obrigadas a relaciona-se sexualmente com eles, de forma consentida ou não.

O álcool atrapalhou a relação que já era ruim entre o casal, assim agravando a relação e mostrando que a melhor saída é o fim da relação que estava torturante. O que várias mulheres viviam no século XVIII se perpetuam em semelhanças nos dias de hoje, como formas de violência, e da natural exploração doméstica, muitas escravas foram prostituídas

por seus donos assim semelhante com as vivências de algumas mulheres do século XXI, onde são submetidas a agressões por seus companheiros.

“Normalmente, jovens negras eram obrigadas a prostituir-se, conforme pondera Freyre: “atribuem alguns cronistas da escravidão grande importância à prostituição das negras; mas das negras e mulatas exploradas pelos brancos. La Barbinais afirma que até senhoras se aproveitam de tão nefando comércio” (FREYRE, 2005, p.537).

Após muitos meses de sofrimento com brigas, violência sexual, psicológica, a depoente entende que tudo não passou de experiência traumática. “Um dos momentos específicos para sair disso, foi quando ele me bateu, que tirou sangue, dessa vez, bem difícil, mas percebi mesmo, que não tinha mais nada entre a gente, era, da minha parte era tudo forçado. Às vezes, na intimidade era forçado, se não aceitasse, tudo que ele queria, dá até vergonha de falar, sabe, se eu não aceitasse, começava a dizer que tinha arrumado outro, tinha que fingir, que não estava acontecendo nada, que estava normal (Depoente 3, 2023)”.

A partir de localidades onde uma casa pode estar distante da outra a procura de uma ajuda segura, a mulher fica exposta a agressões e violência do seu companheiro. A ideia de que mulher não deve trabalhar fora, e sim cuidar da casa e da família ainda existe e é muito intensa no interior do Sertão. No Brasil e interior do Bahia existe algumas instituições que ajudam na reabilitação da mulher a partir de opressões sofrida por companheiros, que tem pouca visibilidade na sociedade. Nota-se como a depoente transparece sua experiência, ao conviver com essas instituições, (DEPOENTE 3, 2023):

Para te dizer a verdade, os apoios foram depois da violência, eu nem sabia que tinha o CRAM, nem sabia. Para mim foi uma novidade, não sabia, para mim nem existia para te dizer a verdade. Eu não sou uma pessoa, muito comunicativa, para se aprofundar nessas coisas, durante quando estava com ele, quase não tinha acesso a celular, essas coisas, não tinha, por isso, não sabia que tinha muita informação. Vim saber tudo isso, depois que vim sofrer essa violência, a pior violência, quer dizer, que eu acho que, eu sofri tanta violência que nem percebia, nem sabia, vim saber depois. Às vezes era uma coisa tão simples, que eu vim saber que estava passando por uma violência.

Neste caso específico, nota-se como a falta de conhecimento dos seus direitos foi por muito tempo uma falha para a liberdade. Segundo a argumentação de (LIRA, pág. 337, 2019):

“Portanto, a violência é uma força intencional, não necessariamente física, que provoca dano contra alguém. A violência pode ser expressa através da opressão, do abuso da força, do preconceito, agressão física ou verbal, entre outras formas. Segundo D’Oliveira (1996), a violência passou a ser reconhecida como uma questão pública a partir do século XIX, não porque tenha se tornado necessariamente mais intensa, mas por causa do aparecimento de um discurso ético e moral, que ocasionou iniciativas para conceituar e compreender o fenômeno, vinculado à ideia moderna de igualdade social.”

Em uma sociedade cheia de regras, instituições que lutam pelas mulheres e outras formas de preconceitos são necessárias, precisando ganhar força e visibilidade em suas ações de combate a violência. Percebe-se como transparece a essência dessas instituições, a partir da fala da Depoente 3 (2023):

A importância desse Órgão, é muito importante, porque, se acontecer alguma coisa, eu não vou está sozinha, eu fui acolhida em todos os aspectos, se eu soubesse antes, acho que não tinha passado por tudo isso não, a importância mesmo, eu tinha muita vergonha, até hoje eu tenho, de falar sobre o assunto, nem conseguia comunicar direito. Foi através das psicólogas que foi mudando, conseguia falar com alguém, mim abrir. Antes não conseguia nem dá uma entrevista, o CRAM, foi tudo em minha vida.

Ao vivenciar toda uma trajetória de luta, a depoente 3 sente-se revigorada ao ser prestigiada em um projeto de pesquisa, ajudando outras mulheres a falar sobre suas vivências e motivada ao se libertar do companheiro, podendo criar uma nova história com seu filho. “Outro dia, uma mulher falou que minha história dava um livro, porque não foi pouca coisa não. A justiça já tinha entrado na minha vida, e aconteceu tudo de novo, com a mesma pessoa, e hoje já tem a lei da restrição, ele não pode chegar perto, nem de mim, nem do meu filho. (DEPOENTE 3, 2023)”

Percebe-se como a descrição do depoente, interligando com autores e outras filiações, acabam se tornando produtoras de uma espécie de aristocratismo acadêmico e não escapam às armadilhas das práticas anacrônicas. Ou seja, a epistemologia e a história das ciências, assim como a metodologia, deviam ser incorporadas à prática concreta da pesquisa nas humanidades, sem deixar de considerar que “o fato é conquistado contra a ilusão do saber imediato” (BOURDIEU, CHAMBOREDON & PASSERON, 1999, p. 23).

O saber é necessário a partir das vivências, mostrando como o conhecimento é essencial para a tomada de decisões e poder proteger perante a democracia de acordo as ações de quem nos arrodeia. A lei é presente na sociedade para ser atuada, de acordo com (VALLE, pág. 55, 2018):

Existem disciplinas auxiliares ou suplementares, que servem unicamente como ‘tema de reflexão’, e que quase sempre se posicionam como cúmplices da realidade que procuram conhecer. Trata-se de disciplinas que se dedicam à busca de soluções para problemas de ordem prática ou, sobretudo, integrantes de agendas políticas, geralmente voltadas a interesses específicos ou de grupos.

Ao vivenciar sofrimentos e lutas de mulheres e pessoas na sociedade, nota-se que um dos papéis do historiador é mostrar esses fatos, para a sociedade despertar como o ser humano

está em constante mudança, necessitando de pessoas que à entenda perante momentos de atribulação e que ajude, acionando setores responsáveis para o acolhimento, conscientização e solução do problema presente, que vem se perpetuando desde de outrora. Ao ressaltar a depoente 3, (2023):

A lei para mim, serviu, mas para muitas, não teve a mesma sorte, passa até por cima dessa lei, eu acho que precisa de um pouquinho mais, a protetiva é boa, mais quando vai fazer uma açãozinha, já é tarde. E se continuar assim, vai se tornar comum, tenho outras irmãs, que estão no início do relacionamento, mas começar com gritos, querer guardar o dinheiro que a própria mulher ganhar, por aí, já é um tipo de violência, que não sabia. Olha só meu caso, e não é dizer que não tentei não, foram várias tentativas, mas quando coloca filho pelo meio, a gente é obrigada a ceder à chantagem, meu caso foi, só era eu e meu filho, a gente morava sozinho, quando morava com meus pais, nem lá estava segura. E quando aconteceu isso comigo, nem saía, no aniversário da minha irmã, quando eu via que ele vinha, já saía, e já sabia que ia ter confusão.

O amor de uma mãe para proteger seu filho transborda ao relatar as lutas e dificuldades, pois em muitas vezes achou que não iria conseguir superar os obstáculos, e conquistar a busca por justiça, assim ao refletir sobre tudo que viveu, incentiva outras mulheres a lutar por uma família e vida melhor.

“A propensão a uma visão teológica, que permite censurar ou louvar, condenar ou reabilitar, imputando a vontades benéficas ou malignas as propriedades do passado, depende do grau em que o passado da instituição é considerado como instrumento de luta no interior desse campo,” assim a micro história pode gerar novos viés de conhecimentos para os futuros leitores de pesquisas brasileiras (<sup>5</sup>BOURDIEU, 1989).

Por tanto, essa pesquisa abrangeu pontos da sociedade nordestina e da cidade de Itaberaba, mostrando como é a vida de algumas mulheres, a partir do dia a dia da depoente, protagonista das narrativas presente ao longo do artigo.

A história social e a micro história, vivenciam enredos que não tem tanta visibilidade na estrutura social e mídia, pois vem destacando-se com inúmeras narrativas e teóricos que desperta ao leitor memórias de um passado oculto de colegas, família e até do próprio leitor. A justiça se fez presente ao decorrer da história escrita, mostrando que a superação e motivação dos depoentes citados são essenciais para escrever um novo recomeço.

---

<sup>5</sup> Pierre Félix Bourdieu nasceu em Denguin, França, no dia 1 de agosto de 1930. Iniciou seus estudos básicos em sua cidade natal. Mudou-se para Paris, ingressou na Faculdade de Letras, onde cursou Filosofia, obtendo a graduação em 1954. Pierre Bourdieu, (1930-2002) foi um importante sociólogo e pensador francês, autor de uma série de obras que contribuíram para renovar o entendimento da Sociologia e da Etnologia no século XX.

O historiador por sua vez, analisou todos os fatos entrelaçando as narrativas e os argumentos apresentados, assim compreendendo e descrevendo os conceitos históricos, com coparticipação e instruções do seu orientador, que mostra o direcionamento para o escritor que será lapidado ao galgar com o passar do tempo. Ao dialogar com (BARROS, pág. 3, 2005):

“Sabe-se que o historiador tem o costume de arrumar os fatos em envelopes que se transformaram em entidades trans-históricas, em categorias temporais e universais: o social, o econômico, o político, o religioso, o cultural ... Depois de proceder a esta distribuição e a esta etiquetagem, por razões de competência pessoal ou por escolha disciplinar, o historiador atém-se comumente a uma única ordem de fatos”

O dialogo simplório dos teóricos apresentados ao longo do texto, gerando uma estrutura da narrativa, mostra a ideia central do artigo, que é transparecer o sofrimento de uma mulher, a partir das agressões do seu marido, em meio a um período pandêmico vivido no mundo contemporâneo, que gerou inúmeras dores para a depoente e outras mulheres que não tem a sua história contada.

Por fim, a cada novo momento do período historiográfico, “uma dimensão pode se desprender da outra, ou então duas dimensões que antes andavam separadas podem voltar a se juntar,” essa reflexão é presente pela depoente ao cuidar do seu filho, pois o amor em meio a pressão psicológica superou desafios inesquecíveis, assim tendo orgulho da historia relatada com muita luta, força, choro, dor, mas acima de tudo superação.

## **5. Considerações finais**

A violência doméstica é um fenômeno antigo, que esteve presente em diversas sociedades ao longo da história. As normas patriarcais frequentemente colocavam as mulheres e crianças em vulnerabilidades dentro da estrutura familiar, onde muitas eram justificadas ou ignoradas a violência. Só no século XX a violência domestica passou a ser considerada um problema social e de saúde publica.

---

<sup>6</sup> O escritor José Costa D'Assunção Barros, Possui doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1999), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1994), graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), graduação em Música (Composição Musical) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). É Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História, e Professor-Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Na área de História, tem atuado principalmente com temáticas ligadas às áreas de Historiografia, Teoria da História, Metodologia da História, História Cultural, História da Arte, Cinema-História, entre outras atuações.

Embora com todos os avanços que já tivemos como a lei 11.340 (<sup>7</sup>LEI MARIA DA PENHA), em vigor desde agosto de 2006, o índice de violência doméstica, deixa bem claro que estamos longe de um fim ou de uma redução significativa nesses casos. Em uma sociedade majoritariamente machista onde a maioria das mulheres foi criada com a ideia de submissão aos homens, entender que em briga de marido e mulher se mete a colher não é tão simples. A pandemia de COVID-19 explanou muitas das condições que podem levar à violência doméstica, criando uma “justificativa perfeita” para o aumento desses casos.

No caso de Itaberaba-BA, mesmo com o apoio dos órgãos GRAM e CRAS ativos, em busca de apoiar e minimizar os danos sofridos por essa mulher e todas as outras que infelizmente ainda passarão por lá, existe ainda, uma deficiência na estrutura pública e nas redes de comunicações sobre a conscientização de que nem sempre o nosso lar é o lugar mais seguro e que existem lugares como ambos que são para elas um lugar seguro no momento.

As diversas violências sofridas por essa mulher, como a violência moral e psicológica, expressadas em suas falas, nos mostram como geralmente se inicia a violência doméstica e como na maioria dos casos elas terminam. É preciso que essa mulher que não tem o conhecimento e o acesso aos meios, tenha o direito garantindo a informação de que não é só o físico que pode ser violentado e que tudo começa na primeira voz alta e nas diversas chantagens, onde ela possa entender que esse homem não vai mudar, pois não é por amor e nem por cuidado que eles as machucam. E que esteja claro que em hipótese nenhuma será culpa dela, que não tenham medo e nem vergonha em denunciar, pois pode até existir mais de uma vítima nesses casos, mas nunca nenhuma delas será o agressor.

Diante disto, este trabalho de conclusão de curso sobre o ponto de vista histórico e sociológico, fica claro como as normas sociais e as estruturas de poder manejam as atitudes e respostas à violência.

A pandemia de COVID-19 escancarou a necessidade de políticas mais eficientes e redes de apoio firmes para enfrentar esses desafios, pois houve o aumento de casos a partir da restrição da saída para as ruas e atividades, assim aumentando o número de casos na cidade de

---

<sup>7</sup> LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006: Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

Itaberaba, enquanto a história nos mostra como as sociedades podem evoluir e nos ajudam a entender as estruturas e práticas para promover mudanças, assim serão oferecidas uma compreensão das raízes e de soluções potencias para a violência domestica.

## **REFERÊNCIA:**

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

LIRA, Kalline Flávia Silva de. **Relações de gênero, poder e violência contra as mulheres: um estudo sobre o sertão brasileiro**. – Pág. 331 – 362, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. – Pág. 03 – 311, 1989.

PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RODRIGUES, Viviane Isabela. **A trajetória histórica da violência de gênero no brasil**, pág. 1 – 18, 2018.

LINS, Daniel. -- **O IMAGINÁRIO DA VIOLÊNCIA: A CASA E A RUA** – Pág. 16 -22, 1998.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BOTELHO, Joacy M. et al. O marketing político e a apropriação da retórica. In: **SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO**, n 29, 2006, Brasília. Resumos... Brasília: UNB, 2006.

Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0789-1.pdf>>. Acesso em: out 2022.

2023. Disponível em: <REVISTA TEMPOS E ESPAÇOS EM EDUCAÇÃO, SÃO CRISTÓVÃO, SERGIPE, BRASIL, v. 11, n. 25, p. 49-60, abr./jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v11i25.7502> | ISSN: 2358-1425> Acessado em 04-2023.

2024. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/itaberaba.html>> Acessado em 07-2024

2024. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/pierre\\_bourdieu/](https://www.ebiografia.com/pierre_bourdieu/)> Acessado em 07-2024

2024. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)> Acessado em 21-2024

2024. Disponível: <<https://sead.ufba.br/itaberaba#:~:text=>>> Acessado em: 07-2024

2024. Disponível em: <AZIZ AB'SÁBER, GEÓGRAFO E AMBIENTALISTA — INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP.BR)> Acessado em: 07-2024

2024. Disponível em: <<https://editora.ufsc.br/2019/09/26/a-voz-do-autor-ione-ribeiro-valle/>> Acessado em: 07-2024

2024. Disponível em: <<https://sbsociologia.com.br/project/heleieth-iara-bongiovani-saffioti-2/>> Acessado em: 07-2024

2024. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/7356711/jose-costa-dassuncao-barros>> Acessado em: 07-2024

2024. Disponível em:  
<[http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=C90CD0A71F886323F900EFF161CECF98.  
buscatextual\\_0](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=C90CD0A71F886323F900EFF161CECF98.buscatextual_0)> Acessado em 08-2024